

Chuva inferniza a Feira dos Importados

DF- COMÉRCIO
Com barracas inundadas e sem freguesia, vendedores já não sabem mais a quem apelar

MÁRCIA DELGADO

Os comerciantes da Feira dos Importados estão entregues à própria sorte. Trabalhando num lugar sem estrutura para suportar as chuvas, eles amanhecem o dia rezando para que São Pedro dê uma trégua pelo menos no final de semana, quando o movimento cresce. Mas não tem adiantado muito apelar para o santo: os feirantes abriram as suas barracas debaixo d'água, e durante toda a manhã praticamente não havia fregueses.

"Não vendi absolutamente nada até agora (meio-dia); a única coisa que fiz foi puxar água e catar lixo", disse Ana Maria Oliveira da Silva. Sua barraca de sapatos femininos fica no conjunto A, um dos encharcados pela água que cai do telhado e escoam pelos corredores. "Com este tempo, o cliente não vem mesmo

porque sabe que aqui dentro chove igual lá fora", garante Edson de Paiva, dono de uma banca de fitas de vídeo.

Diante do mau tempo, teve feirante que não quis se arriscar e nem abriu a banca. "A gente vem na esperança de conseguir vender alguma coisa para pagar as contas; mas se continuar chovendo vou embora mais cedo", prometeu Zulmira Maria de Souza. Ela prevê que, se as chuvas continuarem e nenhuma providência for tomada contra as inundações, os comerciantes vão ter um Natal magro como o do ano passado.

"Como choveu muito na época do último Natal, as vendas não foram lá essas coisas; pode até ser pior este ano", acredita Uélvio Alves de Souza. Sua banca fica no conjunto A, um dos mais encharcados. O caos se verifica também no conjunto B, onde os feirantes se vêem impotentes

diante dos transtornos causados pela chuva. Para cercar parte da água que cai do telhado, eles improvisam: usam baldes, caixas de papelão e plásticos que ficam na direção das goteiras. "Tem que fazer isso para não molhar as mercadorias", explica Uélvio Souza.

De vassouras e baldes nas mãos, eles tentam tirar as poças do meio do caminho. Nos conjuntos A e B estão instalados 1.040 feirantes. São as alas mais críticas, porque o piso tem um declive. A estrutura é precária: o teto de material metálico, construído precariamente pelos próprios comerciantes, é cheio de goteiras e as canaletas desagüam nos corredores. O principal problema, porém, é a falta de um sistema adequado de captação de águas pluviais.

Os feirantes cobram providências urgentes do governo.



LUTA: Ana Maria tenta tirar a água de perto de sua barraca

RICARDO ALMEIDA

O PULO DO GATO

O prejuízo é garantido

A chuva espanta os consumidores da Feira dos Importados e o motivo é um só: fica praticamente impossível transitar pelos corredores sem se molhar. Tem gente que passeia pela feira de guarda-chuva em punho, mas isso acaba atrapalhando o movimento pelos corredores estreitos do lugar.

Quem não usa guarda-chuva tem de fazer uma ginástica para não ficar ensopado. Os comerciantes pagam uma taxa mensal de R\$ 60 para utilizarem o espaço próximo à Ceasa.

Há uma semana, a chuva atingiu 80 cm dentro da feira, assustando a freguesia e estragando boa parte das mercadorias espalhadas pelas 2.080 barracas dos feirantes, que ficaram no prejuízo. (M.D.)

06 NOV 2000

JORNAL DE BRASÍLIA